

Infância e contos populares

Na minha infância, uma fonte preciosa de contos de fadas foi, além de meu pai que os contava de vez em quando, o *Thesouro da Juventude*. Tenho a coleção de capa azulada até hoje. Cada volume é organizado em blocos do tipo “O livro da natureza”, “Cousas que devemos saber”, “Homens e mulheres célebres”, “O livro do porquês” e, entre outros, “O livro dos contos”. Como o *Thesouro da Juventude* tem 18 volumes e cada um cerca de oito ou dez contos populares, aquilo para mim era um tesouro de verdade. Li e reli aquelas narrativas diversas vezes. Conheci nessa maravilhosa coleção, as primeiras versões de muitos dos contos que mais tarde recontei.

Uma delas é a história do macaco e a velha. Na coleção, está no volume 7 com o título de “O macaco e o moleque de alcatrão”. Foi a primeira vez que tive contato com essa história e lembro que sua leitura me causou grande estranhamento. O texto não era dos melhores e seguia mais ou menos o enredo conhecido. A velha que, para pegar bananas, pede ajuda ao macaco. O macaco que em vez de ajudar, come as bananas. O ardil do boneco de cera. As discussões do macaco com o boneco e a prisão do macaco. Aqui a porca torcia o rabo. Vou transcrever os dois últimos parágrafos: “Então, chegou a velha que o agarrou, matou, esfolou e picou. Desde então, ficou livre a velha do macaco grande e pode comer regaladamente os seus cachos de bananas maduras e amarelinhas de fazer gosto”.

Eu não tinha mais de dez anos, mas lembro de ter pensado algo como “essa história não pode ser assim” ou “tem algo errado nesse final”. Fiquei com aquilo entalado na garganta durante anos.

Mais tarde, tive contato com as versões recolhidas por Silva Campos, Câmara Cascudo, Lindolfo Gomes e tantos outros pesquisadores da cultura do povo, todas com um ponto em comum: a vitória final do macaco que não só ressuscita como sai da barriga da velha mais vivo e esperto do que nunca.

Este deve ter sido um dos primeiros contatos que tive com a censura e o moralismo burro, o chamado “politicamente correto”.

“O macaco e velha” é um dos mais extraordinários contos populares que conheço, cheio de vida e simbolismo. Retrata detalhadamente um ritual de iniciação (a passagem do jovem para a idade adulta) e louva a vitória sempre transgressiva do novo contra o velho, tema arcaico e de óbvia importância: se não houvesse a vitória da idéia nova, ainda seríamos amebas ou, com sorte, estaríamos rosnando atolados na Idade da Pedra.